

## NET-ATIVISMO: REDES DIGITAIS E NOVAS PRÁTICAS DE PARTICIPAÇÃO

Aida Franco de LIMA

*Doutora em Comunicação e Semiótica*

**N**et-ativismo - Redes digitais e novas práticas de participação é uma coletânea que traduz o espírito de nosso tempo, seja no seu conteúdo e na própria maneira como foi elaborado: em rede. É organizado por Massimo Di Felice, Eliete Pereira e Erick Roza, que dividem espaço na obra com diversos autores renomados, como Lucia Santaella, Michel Maffesoli, Pierre Lévy ou Stéphane Hugon, entre outros, que através de linhas de pesquisas diversificadas focam em um ponto específico, voltado ao modo como indivíduos dos mais isolados cantos do Planeta utilizam as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) como instrumentos de transformação social. Lançado em 2017, pela editora Papyrus, proporciona 303 páginas de informações e análises imprescindíveis ao público que já estuda a temática como aquele que está sendo apresentado a essa dinâmica de mobilização social que não se prende a barreiras geográficas ou políticas.

O livro é fruto das edições de 2013 e 2015 do Congresso Internacional de Net-ativismo, que tiveram como palco a Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA - USP), sendo o Congresso de 2015 realizado em sessões consecutivas em Roma, Paris, Porto e São Paulo. Portanto, é uma obra impressa no Brasil mas com espírito nômade, sem uma nacionalidade única, que dialoga com a essência de seu conteúdo. Se Humberto Eco destacou que as redes sociais deram voz a uma legião de imbecis, de outro modo uma parte considerável da sociedade tem usado de forma positiva essas mesmas ferramentas, contrapondo-se às fake-news ou cyberbullying, além de inúmeros outros exemplos que poderíamos nominar. E são essas ferramentas, materializadas nos diversos tipos de suportes, que estão trazendo novos ares e possibilitando que o cidadão isolado, que em um primeiro momento pareça não ter poder de articular uma mudança, una-se a outro indivíduo em situação similar e assim, sucessivamente, até que os discursos e reivindicações amparadas no universo virtual ganhem os espaços físicos e midiáticos.

Separado em duas partes, a primeira intitula-se, "Net-ativismo: as dimensões informativas da participação e do conflito", e como o próprio texto de Apresentação

explica, o conjunto de artigos está voltado para as teorias da ação, da política e da

ecologia que estão conectadas à espinha dorsal do net-ativismo. Na segunda parte, denominada "As experiências net-ativistas no Brasil e no mundo" proporciona ao leitor estudos de casos, tanto brasileiros como internacionais, que ilustram as diversas situações de ativismo desempenhados de modo colaborativo nas rede e através das redes.

"Net-ativismo: as dimensões informativas da participação e do conflito", a parte 1, é composta por 9 artigos assinados por Massimo Di Felice, a respeito do significado e das qualidades reticulares das interações surgidas nos mais variados contextos. Pierre Lévy aborda o impacto que a eclosão da nova esfera pública provoca no pensamento político, por meio do texto 'A esfera pública do século XXI'. Michael Mafessoli aborda o paradoxo contemporâneo em torno da desaceleração dos valores da tradição em decorrência da velocidade da cultura cibernética. Jennifer Earl se propõe a explicar de que modo o uso das tecnologias digitais são utilizadas em protestos e por movimentos sociais e como isso reflete uma mudança significativa no ativismo. Stéphane Hugon, no artigo 'Em direção a uma nova ecologia relacional' discorre sobre a geração, que ao mesmo tempo é militante e consumista, mesmo sem saber, é portadora de uma mudança antropológica ainda maior, entre o sujeito e seu entorno. Isabel Babo, trata sobre o modo como as novas TICs promovem uma nova dinâmica de comunicação entre os indivíduos, abordando a questão do utilizador-receptor e o uso das redes por ativistas e para a configuração do net-ativismo. Lúcia Santaella, em seu texto denominado 'Política nas redes e nas ruas', aborda o ativismo nas redes ou, também denominado, ciberativismo. Para tanto, trata dos movimentos sociais, antes da internet e a necessidade de hoje compreendê-los sob a ótica das redes sociais e o impacto que essas desempenham nos mesmos. Sergio Bairon se propõe a abordar o modo como o senso comum cultural ganha campo em produtos oriundos das pesquisas nas ciências sociais e humanas. Eli Borges Júnior fecha a primeira parte do livro, com um breve estudo sobre diversas teorias da ação, com ênfase na filosofia e sociologia. Utiliza o conceito de ato-conectivo para abordar a nova dinâmica da ação por intermédio das redes digitais.

"As experiências net-ativistas no Brasil e no mundo", a parte 2, é ilustrada com uma série de textos que demonstram experiências em contextos variados. Aissa Merah narra sobre episódio ocorrido na Argélia em que os comentários dos leitores,

direcionados ao conteúdo de um jornal eletrônico, furaram a espiral do silêncio imposta pela mídia oficial. Erick Roza e Raquel Melo, narram a experiência brasileira, através da Marcha das Vadias, um movimento que nasceu no Canadá, em 2011, e suscitou manifestos diversos. Naquele ano, uma palestrante que abordava o tema violência defendeu que as mulheres não deveriam se vestir como vadias, a fim de evitar estupros. Eliete Pereira aborda a experiência do net-ativismo por parte das comunidades indígenas e demonstra de que modo o contexto atual reverbera experiências anteriores de resistência desses povos. Maria Luján Tubio apresenta a situação experimentada na Colômbia em torno do assédio de rua, à mulheres e comunidade LGBTI e as estratégias de combate através das TICs. Marta Severo nos leva ao Egito, cujo título sintetiza seu texto: "O protesto dos egípcios migrantes pelo direito ao voto: um caso de net-ativismo transnacional". Para narrar episódio ocorrido na Itália, Stefano Bory denomina seu texto com o título: "A rede decide? O caso do movimento 5 estrelas". O autor conta a respeito de um comediante italiano, Beppe Grillo, afastado da TV no ano de 1986, que durante um espetáculo teatral, no ano de 2000, destrói um computador com um martelo e acusa tece críticas à indústria de informática. Hoje, foi alçado a blogueiro de influência mundial. Beppe aconselhou a quem o seguia a inventar meios de atuação local e hoje são mais de 160 mil inscritos no site MeetUp que facilita a organização dos ativistas. Ainda na Itália, Tito Vagni, escreve sobre "Gastronomia e redes digitais: do consumo crítico ao net-ativismo". Seu conterrâneo, Máximo Cerulo, destaca a "Esfera pública emocional e formas de resistência social". "Ciberativistas líbios e a luta contra o autoritarismo" é de autoria de Sihem Najjar. O México é retratado por José Alberto Sánchez Martínez por meio do texto "Evocações do Zapatismo: internet, ativismo e política". A autora Marina Magalhães de Moraes, narra o contexto de Portugal, através "Dos manifestos aos piratas informáticos de uma geração à rasca: net-ativismo nas redes portuguesas". Pierre-Noël Denieuil, da Tunísia, fecha o livro com o título "As NTICs pelo prisma da etnotecnologia".

O livro faz uma espécie de radiografia dos movimentos sociais, em suas mais variadas nuances, lembrando que esses sempre fizeram uso de mecanismos diversos da comunicação para que atingissem seus objetivos e que hoje as TICs são aliadas essenciais nesse processo. Não importa o país ou a pauta em questão, o fato é que as redes sinalizam uma via imprescindível para que a ordem do dia mundial também seja pautada pelo 'cidadão comum', não mais com sua voz isolada, mas com essa literalmente conectada a uma quantidade imensa de indivíduos que podem não

relacionar face a face mas estão na mesma frequência.

FELICE, Máximo Di; PEREIRA, Eliete; ROZA, Erick (Orgs). Net-ativismo: redes digitais e novas práticas de participação. Campinas, SP. Papyrus, 2017.

**Artigo recebido em 07/09/2019 e Aprovado para publicação em 09/09/2019.**

R

150